

UMA APROXIMAÇÃO ENTRE LINGUAGENS: A GEOGRAFIA E IMAGENS FOTOGRÁFICAS

Ailclécia Fernandes Silva

Licenciada em Geografia pela FCT/UNESP

lk_afs@hotmail.com

RESUMO

O mundo atual apresenta-se como uma trama de imagens. Nunca antes em nossa história vivenciamos tal presença do imagético em nossas existências cotidianas. Tais imagens são utilizadas como linguagem não verbal para os mais diversos interesses. A facilidade de se obter e distribuir fotografias se desdobram nos muitos sentidos que nela podemos encontrar, tal aspecto aponta para o entendimento dessa linguagem como passível de contribuir para a leitura geográfica da dinâmica espacial do mundo, apresentando-se como algo para além, e aquém, da mera ilustração dos conteúdos trabalhados por esse saber científico, notadamente no universo do ensino de geografia. Sendo assim, este trabalho visa experimentar uma aproximação entre linguagens: a artística fotográfica e a científica geográfica. Essa aproximação se pauta na observação de como os jovens, no caso os estudantes do Ensino Básico, leem o espaço geográfico através de fotografias. Tendo como foco o ambiente escolar, temos em vista a necessidade de se trabalhar os diversos meios imagéticos que estão cada vez mais presentes na rotina escolar e familiar dos alunos. Apresentamos então, como proposta, uma experimentação em que alunos do ensino fundamental e médio irão fotografar aquilo que para eles representa a cidade. A análise será realizada observando possíveis diferenças e/ou aspectos comuns nas fotografias de acordo com a faixa etária dos grupos de alunos, procurando descobrir como o espaço geográfico é majoritariamente percebido pelas práticas visuais exercitadas no contexto escolar, assim como dessas práticas podem derivar outros sentidos e perspectivas de leitura do território urbano pelos alunos, contribuindo assim para outras ações e análises passíveis de serem experimentadas no contexto do ensino básico da disciplina de geografia.

Palavras chave: Geografia. Linguagens. Fotografia.

APONTAMENTOS INICIAIS

A Rede Imagens, Geografias e Educação congrega um conjunto de pesquisadores e professores do ensino básico e superior de várias cidades brasileiras e estrangeiras¹, tendo como foco de suas abordagens o desdobrar de encontros entre as linguagens científica da geografia com a artística das imagens (fotografia, cinema, vídeo pictórica, cartográfica etc.). O encontro dessas linguagens se reverbera em pesquisas, desde iniciação científica até de pós-doutorado, passando por cursos de capacitação de professores, estágios de licenciaturas, elaboração de vídeos e instalações artísticas.

No contexto dessa Rede que o Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GLPG) propiciou o desenvolvimento da pesquisa “Geografia e Imagens Fotográficas: aproximações entre linguagens para o ensino”, a qual aqui apresentamos uma parte de seu desenvolvimento a partir das discussões internas do Grupo, as quais tornaram possíveis as elucubrações aqui apontadas. Nossa pesquisa se pautou na experimentação em que alunos do ensino básico, de faixas etárias distintas, fotografaram a cidade em que vivem, no nosso caso Presidente Prudente (cidade média localizada no oeste do Estado de São Paulo), de maneira a apresentarem como a percepção do espaço urbano está pedagogicamente uniformizada nas práticas visuais reproduzidas no interior da escola, mas também, que esses registros fotográficos, pudessem apontar para outras possibilidades de leitura do território da cidade pela perspectiva do discurso geográfico,

¹ Mais detalhes sobre a Rede Imagens, Geografias e Educação em <http://www.geoiimagens.net/>

ou seja, em decorrência do encontro com linguagem artística da fotografia, possibilitar outros pensamentos e sentidos para a linguagem científica da geografia.

Iremos trabalhar nesse artigo com três fotografias, sendo uma delas tirada por um aluno do 6º ano do ensino fundamental I, uma por um aluno do 9º ano do ensino fundamental II e a outra por um aluno do 3º ano do ensino médio, todos da Escola Estadual Professora Mirella Pesce Desidere localizada na cidade de Presidente Prudente-SP. Sendo assim todas as fotos que aqui serão apresentadas são dessa mesma cidade.

INTRODUZINDO O CONTEXTO DA PESQUISA

Crescemos ouvindo histórias de vidas registradas e fixadas em imagens fotográficas; relatos de aventuras e curiosidades vivenciadas por parentes e conhecidos da família que registravam e, ao mesmo tempo, expressavam toda uma historicidade particular, mas que se relacionava com os fatos maiores ocorridos no contexto espacial e temporal do lugar onde se vivia. Esses “causos” contados e recontados em reuniões familiares, instigavam nosso imaginário infantil a recriar imagens em movimento a partir do fixado nas fotografias na relação com o narrado pelos mais velhos, eram espécie de filmes sobre aquelas “aventuras” dos dramas amorosos, confusões tragicômicas, desencontros e salvações miraculosas; nossa imaginação voava conforme as narrativas iam sendo desenrolados sobre as imagens fotográficas, criando um outro mundo, que ampliava o sentido de realidade então restrita aos fatos em si, imaginando como as pessoas viviam e como seus relatos caminhavam, juntamente com as mudanças no mundo, até o momento em que nos encontrávamos.

Aquelas fotografias eram potencializadoras de sentidos de realidade quando do encontro com os relatos a elas inerentemente relacionados, era algo que sempre encantava, pois instigavam-nos a uma viagem no tempo e, portanto, apontava para outros sentidos do espaço que então se instauravam em nós, em nossas lembranças e perspectivas de vida. Um dos aspectos que essas imagens e relatos acabaram por influenciar a nossa realidade, foi exatamente o desembocar em questionamentos, e estes nos instigaram o desejo de fazer trabalhos científicos que de alguma maneira pudessem “contar histórias” a partir de outras imagens fotográficas.

Em certo momento da formação acadêmica, a partir do contato com o ambiente escolar e atuação em sala de aula, pudemos observar que as imagens fotográficas poderiam expressar outras formas de se pensar e apresentar sentidos geográficos, de maneira a instigar alunos e professores a produzirem pensamentos espaciais que não só ilustrassem um conteúdo já dado, mas instaurassem outros sentidos e sensações a partir de outras perspectivas de se olhar o mundo pela fotografia.

Pensando juntamente com o coletivo do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), começamos a rascunhar um caminho possível para desenvolver pesquisas que articulassem histórias de vida, ensino de geografia e imagens fotográficas. Esse rascunho se desdobrou na pesquisa já citada e neste artigo, o qual visa abordar fotografias como linguagem capaz de contar histórias cobertas de intencionalidades e múltiplos sentidos em aberto.

(...) uma imagem congelada no recorte de fotografia para nós que olhamos é um lugar desconhecido, uma paisagem, todavia para o povo desse local essa paisagem é o lugar deles, onde há a história de cada um, as vivências estão por toda a parte desse lugar. Nesse espaço ocorrem relações sociais diferentes para interpretações diversas. Enquanto tentamos descobrir o que a imagem quer dizer, para quem a conhece tal reconhecimento é instantâneo. Por isso, as fotos são

plurais, cada olhar sobre elas levanta diversas possibilidades de entendimento (COSTA, 2014, p 12).

Entendemos aqui a linguagem da fotografia por esta perspectiva, o desafio se colocou na interação dessa linguagem com a da geografia. Isso cobrou leituras e reflexões na direção de pontuar melhor as possibilidades desse encontro. E foi exatamente em Costa (2014) que identificamos um caminho possível.

(...) há geografias nas diferentes linguagens, o mundo que conhecemos atualmente é de imagens, as relações sociais estão refletidas nas mais variadas formas de linguagens para serem lidas, discutidas. As imagens carregam em si elementos que potencializam o aprendizado do espaço geográfico. Uma fotografia é carregada de significados a espera de leituras do espaço geográfico. (COSTA, 2014, p 14).

O contato entre as linguagens científica da geografia e a artística da fotografia se colocou por uma perspectiva de leitura de espaço que apontava para outros caminhos, não mais entendendo o espaço como um plano sobre o qual as coisas se depositavam, se distribuía e se localizavam. A fotografia, ao registrar em imagens os fenômenos em sua dinâmica espacial, potencializava outra perspectiva, ou seja, de um espaço que, aparentemente fixo no enquadramento fotográfico, cobrava uma leitura a partir dos elementos que estavam de fora dos ali registrados (FERRAZ, NUNES, 2012), de fenômenos localizados em outros locais e com outras formas escalares, os quais deviam ser agenciados por aqueles que liam o registro fotográfico de maneira a estabelecer o sentido mais dinâmico e complexo da espacialidade manifesta pelas fotografias.

O passo a seguir foi exatamente perceber essa possibilidade de leitura a partir do que os alunos registravam do lugar em que eles viviam. Tal encaminhamento, portanto, passou a ser a tentativa de experimentar o registro fotográfico da cidade de Presidente Prudente-SP, mas não para ilustrar o conceito de urbano já estabelecido pelo discurso científico, e sim rasurar esse entendimento hegemônico a partir de como as histórias experimentadas pelos alunos, decorrentes dos relatos e vivências próprias naquela cidade, repercutiam no imaginário espacial desses jovens e, potencialmente, se desdobravam nas imagens fotográficas por eles criadas da cidade.

Nosso objetivo aqui, portanto, é tentar melhor pontuar como entendemos essas possibilidades de trabalhar com os alunos a produção de uma geografia a partir de imagens fotográficas, as quais expressam a encontro do discurso científico da geografia com o artístico da imagem fotográfica, de maneira que o trabalho em sala de aula instigue aos envolvidos a pensarem o sentido espacial da forma urbana já estabelecida, de maneira a possibilitar outras perspectivas, discursos e narrativas da cidade.

Tal encontro é o instigador para se experimentar e exercitar outros pensamentos e perspectivas geográficas, principalmente para uma melhor qualificação do trabalho do professor no ensino básico. A partir disso, tendo como campo de ação a Escola Estadual Professora Mirella Pesce Desidere, desenvolvemos estudos que possibilitem perscrutar como os alunos percebem a cidade, daí o uso de fotografias a serem por eles tiradas, visando expressarem suas perspectivas da cidade.

O trabalho foi desenvolvido em etapas. A primeira se restringiu a levantamento bibliográfico e análise de textos que discutiam o tema da geografia articulada a fotografias, focando tanto nos processos estruturadores da linguagem fotográfica, quanto as potências dessa linguagem para se pensar outros sentidos para ideia de território urbano. Em seguida, trabalhamos com alunos do 6º ano do ensino fundamental (faixa etária de 11 anos), do 9º ano do ensino fundamental (faixa etária de 14 anos) e 3º

ano do médio (faixa etária de 17 anos), da escola já citada. A orientação foi para que eles fotografassem livremente a cidade, tendo apenas como meta expressarem como entendem a identidade do lugar Presidente Prudente. Por fim, realizamos a análise sobre os resultados, verificando aspectos geográficos nos registros imagéticos, ou seja, buscamos identificar as diferenças na análise feita pelos diversos grupos etários, assim como os elementos comuns que esses diferentes alunos pontuaram como o sentido territorial da cidade.

Nossa pesquisa é uma experimentação, portanto, não visa a elaboração de uma metodologia a ser reproduzida, não temos como objetivo criar uma cartilha ou texto modelo de como e em qual momento se deve trabalhar fotografia em sala de aula. Nossa intenção é permitir que os registros fotográficos dos alunos nos instiguem a pensar outras possibilidades para ler a espacialidade urbana, de maneira que os professores possam exercitar suas habilidades intelectuais e procedimentais na melhor capacitação e domínio da linguagem geográfica, permitindo uma abertura para as formas como os alunos veem sua cidade, assim como, a partir dessas formas, permitir que o professor elabore as maneiras que entenda mais adequada de se trabalhar determinado conteúdo geográfico com seus alunos.

ALGUNS ELEMENTOS SOBRE FOTOGRAFIA E GEOGRAFIA

Douglas Santos (2007) vem contribuir para nosso estudo ao apontar o sentido da geografia como uma linguagem imersa nas condições de sobrevivência cotidiana. A linguagem geográfica é uma articulação de palavras e imagens que agenciamos para podermos nos localizar e nos orientar no mundo, não sendo necessariamente o resultado de algum gênio ou livro canônico, mas basicamente uma produção de sentidos a partir da necessidade de sobrevivermos no local em que nos encontramos (FERRAZ, 2011).

Por essa perspectiva, assim como um conjunto de palavras permite organizar um referencial de leitura espacial, também podemos conceber por meio de imagens, organizadas em seu alfabeto de linhas e formas, cores e texturas, luz e sombras, composição e distribuição das formas etc. (DONDIS, 1997), os sentidos espaciais passíveis de leituras e entendimento geográfico.

A intencionalidade do fotógrafo é a mesma do geógrafo, qual seja, tentar estabelecer um sentido possível de compreensão perante o caos percebido/vivenciado, de maneira a tentar se orientar e se localizar no mundo a partir do lugar em que se encontra (FERRAZ, 2011), para tal, estabelece referenciais de leitura dos fenômenos que possibilita certa “ordem à cena” percebida.

Essa forma de composição de sentidos, a partir das imagens fotográficas, se complementa com os referenciais articulados pelas palavras, o que Douglas Santos (2007) vai pontuar como “linguagem geográfica”, ou seja, um conjunto de referenciais teóricos e estéticos, assim como éticos e políticos, que agenciamos para melhor nos entendermos no mundo e assim podermos sobreviver perante os desafios que ele nos apresenta. Dessa feita, a geografia, como todo conhecimento artístico ou científico, é resultado do agenciamento de outros saberes e linguagens, o que nos permite identificar a relação entre a forma espacial dos fenômenos, o seu processo e lugar de acontecimento, assim como seus sentidos passíveis de significação (denominação, descrição e expressão).

Sendo assim, podemos observar que, de acordo com o referencial teórico, a linguagem fotográfica pode ser entendida como registro imagético da forma espacial dos fenômenos, ou seja, dos fenômenos como e nos lugares em que eles acontecem, possibilitando ser entendida como meio de se pensar e construir geografias.

Mesmo sendo um objeto produzido com a intenção de reter e aprisionar sentidos, a fotografia possui uma força outra: efetua, em sua superficialidade, em seu silêncio, em dizeres balbuciantes, em tênues expressões e deixa um potente espaço vazio para sentidos não determinados (...) trazem o acaso e nos remetem a uma nova cidade. Cidade desvelada pela fotografia que transforma e alimenta *saberes*. Fotografar é desvelar a sua relação com o mundo, com o conhecimento (MARQUES, 2012, p. 162).

Não podemos deixar de observar que vivemos hoje em um mundo cada vez mais imagético, onde as imagens são utilizadas como linguagens não verbais, para os mais diversos interesses. A fotografia está presente entre essas linguagens, e devido aos diferentes recursos tecnológicos hoje existentes, considerando a facilidade de obtê-los, pode intervir em sua edição e reproduzi-la na rede de computadores; temos na imagem fotográfica uma potência enorme de articulação de sentidos espaciais, já que registrar um fenômeno é sempre o registro de um instante da forma espacial do mesmo. Aí identificamos a força da fotografia na leitura geográfica do mundo.

A centralidade adquirida pela visualidade está provocando uma alteração significativa no predomínio que a cultura ocidental estava acostumada a atribuir ao verbal. A crença na palavra como a forma mais elevada da prática intelectual, cuja conseqüência principal foi a de relegar a representação visual ao âmbito de um conhecimento de segundo grau, está sendo colocada em xeque a todo o momento. (FABRIS, 2007, p. 1).

As imagens fotográficas revelam apenas um momento de um acontecimento no espaço geográfico, sendo assim, a fotografia não abarca o todo da realidade, o fotógrafo delimita a imagem do fenômeno com o enquadramento da cena escolhida e o tema/objetivo a ser focado, mostrando aquilo que o interessa, portanto, a fotografia não é neutra, é carregada de intencionalidades do seu autor que busca por resultados intencionais (ARRUDA, 2010).

Essas intencionalidades ultrapassam o que o autor quis registrar, pois o contato com os inúmeros leitores faz com que cada fotografia seja recriada de sentidos, em acordo com as condições espaciais em que se dá o encontro observador/imagem fotográfica. Isso aponta para o aspecto plural, múltiplo e nômade que cada fotografia carrega em si. Portanto, além do caráter testemunhal da fotografia, que mostra um fato, um acontecimento, uma verdade, ela carrega em si elementos outros, de fora do ali registrado, rasurando a fixidez e imobilidade do tempo em direção a uma dinâmica espacial outra, diferente.

Construída ou tomada no calor da hora, a fotografia é vista pela sociedade como a evidência do que aconteceu no momento em que o operador voltou sua câmara para um determinado referente. O caráter testemunhal da fotografia, (...) parece fornecer uma âncora a uma sociedade que não consegue romper de vez com a materialidade do mundo. Cabe aos estudiosos analisar os paradoxos e as contradições embutidos numa imagem quase imaterial, mas dotada de uma materialidade inequívoca aos olhos da maior parte das pessoas. (FABRIS, 2007, p. 1).

Para compreender as fotografias, devemos observá-las como imagens que partem do real, entretanto, que não significa necessariamente a realidade em si, fixada e acabada, pois ao analisarmos, estamos de frente com outras potencialidades de sentidos de realidade, como nas histórias narradas em nossa infância pelos mais velhos, as fotografias ali nos instigavam a ver o movimento e o desenrolar daquelas narrativas, instaurando outros sentidos e movimentos daqueles fenômenos ali aparentemente imobilizados em seus registros imagéticos. Portanto, para ser lida, a imagem fotográfica deve ser desconstruída e submetida a um exame crítico, pensando como foi construída e as diversas interpretações que ela pode carregar.

Kossoy (2002) afirma que a realidade instaurada pela fotografia vai além da realidade na foto registrada, cobrando assim uma necessária análise e interpretação.

A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida (...) uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado (KOSSOY, 2002, p. 22).

Esse elo tempo/espaço representado entre a realidade registrada e a realidade produzida por tudo aquilo que está oculto ou de fora do enquadrado no campo fotográfico é a potência geográfica a ser vasculhada no encontro com a fotografia.

Quando algo é fotografado, torna-se parte de um sistema de informação, adapta-se a esquemas de classificação e de armazenagem (...). As fotos fazem mais do que redefinir a natureza da experiência comum (gente, coisas, fatos, tudo o que vemos...) e acrescentar uma vasta quantidade de materiais que nunca chegamos a ver. A realidade como tal é redefinida (SONTAG, 2004, p. 173).

Essa força da fotografia em redefinir a realidade percebida e pensada no imediato é que instiga a geografia fazer dela não um mero registro dos fenômenos dito geográficos, mas uma linguagem que instigue ir além do já instituído e estabelecido como espaço geográfico. A fotografia assim deixa de ser mera ilustração imagética de conceitos e termos presentes em livros didáticos e manuais de geografia e passa a ser uma potencializadora de novos pensamentos e sensações espaciais.

Abre-se para a geografia um campo imenso de novas perspectivas de pensamento e ensino. De acordo com Costa, as fotografias:

(...) são produtos de criação/construção de seus autores. Para serem transformadas em linguagens para o ensino de Geografia, as reflexões são fundamentais para romper as barreiras e mergulhar nos segredos, desconstruindo e reconstruindo, dando significados de linguagens geográficas (COSTA, 2014, p.18).

Pensar sobre a espacialidade dos fenômenos não é algo restrito a academia ou a livros escritos por especialistas pesquisadores em geografia. O pensamento sobre o espaço geográfico está além dos centros de ensino e pesquisa de nível superior, pois se apresenta imerso a diversas práticas sociais (SANTOS, 2007). Dentre as práticas cotidianas que possibilitam exercitar pensamentos geográficos, identificamos o ato de fotografar, observando que, a leitura de fotografias é realizada de acordo com o conhecimento adquirido, a experiência e a intencionalidade do leitor, portanto, como

criação coletiva de sentido espacial a partir das condições temporais e espaciais com que os grupos humanos registram e/ou interpretam suas imagens fotográficas (KOSSOY, 2002).

Segundo Douglas Santos (2007), quando utilizamos o "discurso geográfico", estamos afirmando que há uma dimensão espacial passível de ser qualificada nos mais diversos fenômenos. Tal dimensão espacial é o que identificamos na potência dos registros fotográficos; o desafio é instigar os professores de geografia para exercitarem habilidades de observação e análise, para saberem explorar a força espacial dos fenômenos registrados na imagem fotográfica.

A imagem fotográfica é uma linguagem específica que atua simultaneamente no campo do inteligível e do sensível, fornece um leque de informações em diversos campos do conhecimento, as quais o pesquisador pode utilizar-se para reconstituir e interpretar determinada realidade social (ARRUDA, 2010). Assim, ao tratarmos as imagens fotográficas nesse trabalho como linguagem não verbal, queremos demonstrar que podemos ler e escrever pelas e com as fotografias e não apenas ler e escrever sobre elas.

EXPERIMENTAÇÕES FOTOGRÁFICAS E AS GEOGRAFIAS

Como a maioria dos alunos vive cotidianamente em meio a um turbilhão de imagens, a escola precisa se atualizar para melhor preparar seus professores no trabalho com as mesmas, de maneira que os alunos possam analisar e criticar os usos e sentidos políticos e espaciais desse mundo imagético, além de poderem participar ativamente do processo de construção do conhecimento (FERRAZ, 2011).

A demanda que encontramos hoje no ambiente escolar, quanto à necessidade de abordar as imagens, para experimentar outros processos de análise e interpretação de sentidos é inquestionável. A maioria, por exemplo, dos livros didáticos e apostilas escolares estão cobertos por imagens, mas estas se restringem a ilustrar determinado conteúdo. Não se exercita a força dessas enquanto função delimitadora de um imaginário sobre os problemas abordados, ou ocultados pelos conteúdos e informações a serem trabalhadas por esse material escolar (FERRAZ, NUNES, 2012).

Há um déficit na leitura de imagens, seja pela dificuldade encontrada pelos alunos, como pelo fato dos professores não terem sido exercitados no trabalho com as mesmas, o que leva as imagens muitas vezes passarem despercebidas, pois são consideradas meras ilustrações e não uma linguagem não verbal, importante de ser lida e trabalhada em sala de aula, possibilitando contribuir com as situações de ensino-aprendizagem da disciplina, no nosso caso de geografia. Conforme mostra Costa:

As fotografias são textos não verbais carregadas de informações potencializadoras e ainda pouco exploradas como meios de conhecimentos geográficos nas salas de aulas. Trazer para as salas de aulas as linguagens não verbais através dos conhecimentos dos alunos para aprender sobre o espaço geográfico pode ser a "chave" para aprender Geografia. (COSTA, 2014, p.20).

Diante dessa afirmação, vamos fazer uso de três fotografias tiradas cada uma por alunos de diferentes séries da Escola Estadual Professora Mirella Pesce Desidere, um exemplo que aponta referenciais ao que estamos delineando com este artigo. Observemos as três imagens a seguir.

IMAGEM I: Cidade onde eu nasci.



Fonte: Fotografia tirada por estudante do 6º ano do ensino fundamental, 2015.

IMAGEM II: Mundo das crianças, onde todos libertam suas crianças...



Fonte: Fotografia tirada por estudante do 9º ano do ensino fundamental II, 2015.

IMAGEM III: Me encontrando em Prudente.



Fonte: Fotografia tirada por aluno(a) do 3º ano do ensino médio, 2015.

As três fotografias foram tiradas pelos alunos no contexto da pesquisa desenvolvida. Eles tiraram e escolheram os títulos das mesmas. Trabalhamos com alunos de diferentes séries a fim de identificar como se daria as suas perspectivas da cidade de acordo com a variação de idade. Os estudantes foram instruídos a fotografarem aquilo que para eles representa a cidade Presidente Prudente, deixamos claro que a escolha do que fotografar era algo pessoal, sendo assim que estaria relacionado à identificação de cada um, e a primeira imagem que os vem à cabeça quando são perguntados sobre a sua cidade.

Percebemos que os alunos apresentaram a cidade de Presidente Prudente por meio de pontos turísticos representados nas fotografias, ou seja, apresentaram as fotos como cartão postal da cidade. As três fotografias são esteticamente bonitas, sendo trabalhadas como uma propaganda da cidade. Além de, muito possivelmente, estarem ligadas a identificação dos jovens com o lugar em que vivem, pois retratam basicamente áreas de lazer, espaços de encontro e sociabilidade.

Podemos perceber que a imagem I é de um parque, um local de encontros e recreação, principalmente nos finais de semana com a família e amigos. A fotografia é esteticamente bela e apresenta quantidade significativa de área verde, o que é algo inesperado, pois quando pedidos que fotografassem a cidade, imaginávamos que iriam apresentar imagens com grandes densidades construtivas, etc.

A imagem II é da entrada da "Cidade da criança", uma área de 70 hectares de área verde com infraestrutura, possuindo atrativos como: Teleférico, Trilha Ecológica, Zoológico, Parque Infantil, Kartódromo, Planetário, Observatório Astronômico, Parque Aquático, etc. Podemos perceber pelo lado inferior esquerdo que a foto foi tirada de dentro de um carro, então provavelmente em movimento. Assim como a imagem I também apresenta um local de área verde e espaço de lazer e recreação. Sendo assim, ambas as fotos demonstram lugares de fuga do caos urbano, fora da rotina, etc.

Já a imagem III é do centro da cidade, apresenta um pouco de vegetação e densidade construtiva, fluxo de veículos, a fonte como foco central na fotografia e ao seu fundo a igreja. Nela, apesar de não estar representada diretamente na fotografia, podemos perceber mais a dinâmica urbana da cidade. Entretanto, observamos que ela segue na linha das demais, é uma foto com uma bela estética, é até possível perceber o uso de filtro e/ou trabalho de efeito digital na imagem, além de percebermos que possivelmente há uma identificação do fotógrafo com o local, pois a praça central que aparece na imagem também possui uso de sociabilidade para grupos de diferentes faixas etárias.

Sabemos que o centro da cidade é significativamente dinâmico, há grande variação de oferta de bens e serviços, alto fluxo de pessoas e veículos, poluição do ambiente, etc. Aspectos estes que foram ocultos na fotografia, é visivelmente claro que o fotógrafo tinha a intenção de tratar o centro como uma espécie de cartão postal da cidade (assim como fizeram os outros alunos nas outras fotos). Sendo assim, o enquadramento, o momento escolhido para fotografar, o foco, o filtro, entre outros elementos da linguagem fotográfica, foram intencionalmente pensados pelo seu autor, a fim de atingir o objetivo de mensagem da imagem.

Desta forma, percebemos que a única variação entre as fotografias tiradas pelos jovens de diferentes faixas etárias, foi do lugar fotografado, mas a mensagem embutida é muito semelhante em todas as fotos. As três tinham a intenção de apresentar uma propaganda da cidade em que vivem seus autores, mostrando pontos turísticos e lugares bonitos que chamam a atenção e o desejo de conhecer, por outro lado representavam espaços de fuga do cotidiano e caos urbano. O que nos surpreendeu foi o fato, já citado, de não terem representado essa dinâmica urbana que nos vemos primeiramente a cabeça quando nos perguntam sobre cidade, naturalmente pensamos em adensamento de áreas construídas, grandes fluxos de veículos, informação e pessoas, etc. Entretanto, ficou explícito que os problemas, as disparidades, os aspectos negativos e a desordem presentes na cidade foram ocultados intencionalmente nas imagens, no momento em que se buscou uma propaganda da mesma e demonstrar o "bom da minha cidade".

O invisível não é, porém, alguma coisa que esteja para além do que é visível. Mas é simplesmente aquilo que não conseguimos ver. Ou ainda: é aquilo que torna possível a visão [...] ela dá existência visível àquilo que a visão profana acredita invisível (PEIXOTO, 1996, p. 15).

Esse invisível é o "fora" espacial, que está na realidade, mas que não queremos ver pelo fato de nosso olhar estar pedagogizado em uma determinada forma de ver, ou seja, só vemos o que é insistentemente reproduzido como verdade, normalidade, beleza etc. Contudo, ele está lá, temos que exercitar nossas percepções para ver o que está sendo oculto por nós mesmos, como os alunos fizeram com as fotografias por eles registradas.

Por exemplo, a foto da praça central da cidade (imagem III), ela existe, é um fato, mas nela encontramos milhares de pombos, que foram introduzidos em décadas passadas, que não encontram predadores naturais, que foram alimentados por milhares de pessoas que cruzam a praça, e hoje é uma praga urbana. Suas fezes e ninhos poluem o ambiente, tanto em nível do olfato quanto de saúde pública, transmitindo doenças e contaminando as fontes de água e alimentos ao redor do centro. Nenhum aluno registrou as fotos das fezes dos pombos borrando os bancos, chafariz, calçadas, carros etc. Isso é um aspecto que o professor pode destacar para instigar outros olhares sobre o urbano, para além dos clichês imagéticos usuais.

Outro aspecto que gostaríamos de destacar é que em nenhuma das imagens há pessoas, o que nos leva a pensar: "O que é uma cidade sem pessoas?". Na verdade, elas estão ali, ocultas e implícitas em todos os espaços. Apesar de não podermos visualizá-las, podemos dizer que elas fazem parte das imagens como agentes produtores e que se apropriam dos mais diversos espaços que estão ali representados.

Segundo Kossoy (2002, p. 23, grifo do autor), "decifrar a *realidade interior* das representações fotográficas, seus significados cultos, suas tramas, realidades e ficções, as finalidades para as quais foram produzidas é a tarefa fundamental a ser empreendida". Sendo assim, os professores em sala de aula podem utilizar de uma atividade semelhante buscando realizar uma análise conjunta com os alunos visando romper com os clichês estabelecidos sobre a cidade. Instigando-os a pensar quais os aspectos ocultos na imagem, quais são os usos feitos destes espaços, quem faz uso deles, qual a sua relação com o restante da cidade, além de levá-los a pensar se estes espaços realmente representam o conjunto da cidade.

PARA CONCLUIR A EXPERIMENTAÇÃO

A partir desse exemplo, podemos pontuar alguns aspectos sobre a questão da fotografia na sua relação com a linguagem geográfica. Primeiro, a necessidade de se trabalhar com fotografias na escola é fundamental, pois o que as imagens fotográficas podem instaurar está além do planejado e objetivado. Analisar e aprofundar os sentidos geográficos no trabalho com fotografia permite abrir novas perspectivas e pensamentos espaciais, ou seja, efetivamente criar conhecimento no interior da escola, ao invés de se ficar apenas reproduzindo o já estabelecido como verdade fixa e acabada.

O trabalho com a fotografia deve ser no sentido de não restringi-la a ser uma ilustração de conteúdos já eleitos como geográficos, mas de utilizá-las como meio de se pensar geografia e de criar novas imagens, novas visibilidades do espaço, ao invés de apenas reforçar o já visível sobre a cidade. Fazendo uso das palavras de Vilém Flusser (2002), a partir do estudo deste pensador sobre uma filosofia da fotografia, para pensarmos o desafio que se coloca para nossas preocupações entre a linguagem geográfica e a linguagem fotográfica no trabalho em sala de aula.

Urge uma filosofia da fotografia para que a práxis fotográfica seja conscientizada. A conscientização de tal práxis é necessária porque, sem ela, jamais captaremos as aberturas para a liberdade na vida [...]. Em outros termos: a filosofia da fotografia é necessária porque é reflexão sobre as possibilidades de se viver livremente num mundo programado por aparelhos. Reflexão sobre o significado que o homem pode dar à vida, onde tudo é acaso estúpido (FLUSSER, 2002, p. 76).

Uma filosofia da fotografia nessa perspectiva é necessária, para nós geógrafos, por instigar novos pensamentos quanto ao caos espacial da vida, por possibilitar pensarmos um pouco sobre o está de fora, todo o aparentemente invisível, ou que nossa sociedade idealiza não querer ver, mas que faz parte da loucura em que vivemos.

Pensar uma geografia que, ao invés de se ater a reprodução dessa visibilidade sensata, pura ilusão de uma territorialidade fundada na competição e destruição da vida, possamos buscar, pela força estética da imagem fotográfica, refletir melhor "sobre o significado que o homem pode dar à vida", como está presente na citação acima de Flusser (2002), para assim, quem sabe, tentarmos dar sentido e perspectivas mais libertadoras e afirmativas do viver.

Uma geografia assim exercitada capacita-nos, de maneira contingencial, a identificar outras possibilidades da dinâmica espacial dos fenômenos, instigando-nos à

conscientização da necessidade de nos libertarmos das prisões das verdades e das ilusões do viver. Como o exemplo das fotografias tiradas pelos alunos aqui nos permite apontar. Tomar consciência da lógica espacial em sua multiplicidade e diferenciação, mais do que reproduzir uma ideia ilusória e ilustrativa sobre o espaço.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARRUDA, Rinaldo S. V. **Vida urbana, fotografia e antropologia**. In: Revista Ponto e Vírgula, n.7, p 187-191, 2010.

revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/.../10305 Acessado em 13/07/2015 .

COSTA, Cléia. **A linguagem fotográfica e as geografias do aluno: possibilidades para a Geografia**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade Federal da Grande Dourados. Orientador: Flaviana Gasparotti Nunes. 2014.

DONDIS, Donis A. **A síntese da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FABRIS, Annateresa. **Discutindo a imagem fotográfica**. In: I Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, Pr. UEL, 14-16 de maio de 2007.

www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/.../19252 Acessado em 13/07/2015.

FERRAZ, Cláudio Benito O. A Geografia da educação na sociedade do conhecimento: sombras do desconhecimento. In: NUNES, Flaviana G. (orga.). **Ensino de Geografia – novos olhares e práticas**. Dourados (MS): Editora UFGD, 2011, p. 157-198.

FERRAZ, Cláudio Benito O., NUNES, Flaviana G. (orgs.). **Imagens, Geografias e Educação** - intenções, dispersões e articulações. Dourados (MS): Editora UFGD, 2012.

FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta** – ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

MARQUES, Ivânia. Desvelando a cidade. In: FERRAZ, Cláudio Benito O., NUNES, Flaviana G. (orgs.). **Imagens, Geografias e Educação** - intenções, dispersões e articulações. Dourados (MS): Editora UFGD, 2012, p. 153-168.

PEIXOTO, Nelson B. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora SENAC; Marca D'Água, 1996.

SANTOS, Douglas. **O que é Geografia?** (Material de apoio ao mini-curso ministrado no VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia “Fala Professor”). Uberlândia (MG): Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.